

# Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

## CULTURA, ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE: UM DIÁLOGO ACERCA DO HIP HOP POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Culture, teaching and teacher training: a dialogue about hip hop for an anti-racist education.

Cultura, docencia y formación docente: un diálogo sobre el hip hop para una educación antirracista

### Mario Sergio Soares

Graduando de Pedagogia pelo Instituto de Educação em Angra dos Reis - Universidade Federal Fluminense (IEAR/UFF)  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6026-9405>  
E-mail: [marios@id.uff.br](mailto:marios@id.uff.br)

### Janiara de Lima Medeiros

Doutoranda em Educação na Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora de Língua Portuguesa na graduação em Pedagogia da UFF.  
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8610-4728>  
E-mail: [jlmedeiros@id.uff.br](mailto:jlmedeiros@id.uff.br)

### Silvio Marcos Dias Santos

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal Fluminense (2022). Bibliotecário-Documentalista do Instituto Federal do Paraná, Campus Avançado Coronel Vivida.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2448-7824>  
E-mail: [silviosantos@id.uff.br](mailto:silviosantos@id.uff.br)

Como citar este artigo:

SOARES, Mario Sergio; MEDEIROS, Janiara de Lima; SANTOS, Silvio Marcos Dias. Cultura, educação e formação docente: um diálogo acerca do hip hop por uma formação antirracista. In Revista de Comunicação Científica – RCC, set./dez., Vol. 2, n. 16, p. 55-73, 2024.

Disponível em:  
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume 2, número 16 (2024)  
ISSN 2525-670X



## CULTURA, ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE: UM DIÁLOGO ACERCA DO HIP HOP POR UMA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA

Culture, teaching and teacher training: a dialogue about hip hop for an anti-racist education.

Cultura, docencia y formación docente: un diálogo sobre el hip hop para una educación antirracista

### Resumo

Diante da preocupação com a valorização e solidificação da cultura preta, anseia-se por uma educação escolar antirracista, num cenário em que os docentes devam atuar como maestros da orquestra em favor da cultura e do ensino. Neste contexto, este trabalho apresenta elementos a fim de contribuir à formação docente (inicial e continuada) na perspectiva da educação antirracista como prática social e, desta forma, são sugeridas atividades iniciais como apoio ao professor iniciante. Para tanto, esta pesquisa inicia-se com a proposta de contextualização ao trazer à baila alguns elementos da cultura Hip Hop que contribuem à constituição de subjetividades: são as pessoas que habitam territórios periféricos e pertencentes à diáspora negra, refletindo o retrato da realidade brasileira.

**Palavras-chave:** Cultura; Ensino; Formação docente; Educação antirracista.

### Abstract

Given the concern with the valorization and solidification of black culture, there is a desire for anti-racist school education, in a scenario in which teachers must act as conductors of the orchestra in favor of culture and teaching. In this context, this work presents elements to contribute to teacher training (initial and continuing) from the perspective of anti-racist education as a social practice and, in this way, initial activities are suggested to support the beginning teacher. To this end, this research begins with the proposal of contextualization by bringing to the fore some elements of Hip Hop culture that contribute to the constitution of subjectivities: they are the people who inhabit peripheral territories and belonging to the black diaspora, reflecting the portrait of Brazilian reality.

**Keywords:** Culture; Teaching; Teacher training; Anti-racist education.

### Resumen

Ante la preocupación por la valorización y solidificación de la cultura negra, existe el deseo de una educación escolar antirracista, en un escenario en el que los docentes deben actuar como directores de orquesta a favor de la cultura y la enseñanza. En este contexto, este trabajo presenta elementos para contribuir a la formación docente (inicial y continua) desde la perspectiva de la educación antirracista como práctica social y, de esta manera, se sugieren actividades iniciales de apoyo al docente principiante. Para ello, esta investigación parte de la propuesta de contextualización poniendo en evidencia algunos elementos de la cultura Hip Hop que contribuyen a la constitución de subjetividades: son las personas que habitan territorios periféricos y pertenecientes a la diáspora negra, reflejando el retrato de La realidad brasileña.

**Palabras clave:** Cultura; Enseñando; Formación de docentes; Educación antirracista.



### A gênese do Hip Hop

Nascido nos guetos estadunidenses, no início da década de 70, mais precisamente no ano de 1973, o cinquentenário Movimento Hip Hop, aniversário comemorado neste ano de 2023, tem um legado extenso nos processos culturais, políticos e sociais das sociedades na qual ele está inserido (Rose, 2021), seja nos Estados Unidos, seja no Brasil, palco das nossas incursões. Seus impactos são observáveis a olho nu dado ao imensurável impacto na juventude negra periférica.

Essa camada social que sempre viveu à margem dos acontecimentos da sociedade autodenominada legítima e, que com o advento do Hip Hop esses jovens passaram a dispor deste meio de comunicação e expressão. Um canal de comunicação extenso e poderoso deste público que vivencia a perspectiva do desenvolvimento de Estado Ampliado na sociedade capitalista moderna cuja as relações de força de dominação estrutura-se a partir da sociedade civil. Esta, por sua vez, encontra-se organizada sobre relações racistas nas quais oportunizam-se os aparelhos privados de hegemonia à constituição de um consenso em que o racismo seria natural aos dominados, bem como os privilégios em que se deleita o homem branco-europeu (Gramsci, 2002)

Domingues (2007), acerca do movimento negro brasileiro destaca alguns apontamentos históricos que suscitam à reflexão quanto aos efeitos da representatividade provocados pelos artistas do Hip Hop, no final dos anos 80 e início dos anos 90, como o marco de uma geração. Urge percorrer o caminho de como ocorreu esse fenômeno e quais seus desdobramentos junto à comunidade negra no Brasil. Tal deslocamento temporal e espacial são oportunos para que, por meio de fatos históricos e conduzidos pela arte e pela cultura negra mundial ocidental, em diáspora, evidenciar a importância do Hip Hop, como elemento legitimamente negro e que através da suas dinâmicas direcionadas, voltadas para às questões existenciais da população negra, incute no seu receptor uma centelha crítica sobre si e sobre o mundo nas sociedades contemporâneas, em especial, no Brasil.

A cosmovisão africana, aponta à necessidade de uma construção coletiva, invariavelmente, há um protagonista em um determinado tempo, mas é certo que não se avança sozinho e nesse sentido, um provérbio africano nos alerta acerca da

importância do coletivo: “Se quiseres ir rápido, vá sozinho, se quiseres ir longe, vá acompanhado”. Uma proposta sofisticada de ruptura com o atual modelo econômico, vetor de tantas discrepâncias sociais e econômicas nas sociedades. Segundo Santos (2011), com o movimento Hip Hop, não foi e não é diferente. Muito embora haja antagonismos naturais, contidos nas relações dialógicas, o Hip Hop, é uma expressão que por si só já preconiza que a mobilidade é coletiva, já que está sustentado em quatro fundações básicas: a dança, o grafite, o/a Dj e o MC. Nesse sentido, o Hip Hop, já nasce disruptivo.

A realidade social do Brasil apresenta uma necessária Educação Antirracista não só como um elemento constituinte das políticas públicas educacionais e que, portanto, faz parte dos currículos. É necessário pensar na educação antirracista como forma de resistência e de enfrentamento das barbáries ainda presentes em nossa sociedade. Para tanto, busca-se a valorização das relações étnico-raciais por meio dos docentes, atores fundamentais neste cenário. Desta forma, torna-se crucial que o processo de formação seja continuado e direcionado a teorias e práticas que se concretizam prática educativa para vida (Medeiros, 2019) e, neste sentido, contribua à construção do pensamento crítico e formação integral (Medeiros, 2021).

### **A cultura como divisor de águas nas lutas por direitos da população negra**

As associações negras eram espaços de sociabilidade, construídos por pessoas negras, que por conta do racismo eram impedidas de frequentar os tradicionais clubes nos grandes centros urbanos. Domingues (2011) descreve como é possível perceber a existência de uma mobilização coletiva para que houvesse a integração do negro à sociedade, ainda que essa população não dispusesse de apreço da sociedade branca brasileira. Esta rejeição influenciou a dinâmica dos movimentos negros brasileiros nas lutas por equidade e dentre estes, destaca-se a estruturação da Frente Negra Brasileira.

A Frente Negra Brasileira surge como um divisor de águas nas lutas por direitos da população negra. Sua importância é de tamanha grandeza, que foi criada em 1931 e se capilariza pelo país inteiro; tornou-se um partido político, em 1936 e foi extinta em 1937, assim como todas organizações políticas e sociais daquele período, pelo governo de Getúlio Vargas e o “Estado Novo”. Esteve presente em diversos estados

do país, como Minas Gerais, Espírito Santo, Bahia e Rio de Janeiro, entre outros. Mas, deixou um legado de que viria moldar as lutas acerca dos direitos dos negros no Brasil. Nos aponta, Domingues (2008), que além da Frente Negra Brasileira, havia outras organizações que atuavam para que essas pessoas negras pudessem ser tratadas como cidadãos.

Em 28 de Dezembro de 1954, era formada por José Correia Leite e José de Assis Barbosa, o Borba, criam Associação Cultural do Negro retomando, desta forma, às entidades organizadas para defender os interesses da população negra. A ACN uma atuação de protagonista na interlocução no Brasil e no mundo, onde atuou nas propostas de projeto emancipatórios de países na rede do afro atlântico (Domingues, 2018).

Na literatura, a contribuição de Lima Barreto, guardadas as devidas proporções, mantendo o legado de Cruz e Souza e Luiz Gama, que se valia da escrita para trazer à baila questionamentos sobre as condições de violências de toda sorte que atingia a população negra neste período (Santos, 2016). A poesia de Lima Barreto, segundo Cute (2009), nos permite entender melhor as relações sociais do começo do século, em especial na cidade do Rio de Janeiro, seu laboratório de pesquisa cotidiana. O conto, “O pecado”, é um ótimo exemplo de como a veia e a voz, ou melhor a escrita ativista de Lima Barreto, foi e é importante para ajudar a desvelar o racismo daquela época. O conto narra a trajetória de uma alma, que ao chegar no céu, é designada ao purgatório, depois que o avaliador descobriu que se tratava da alma de um negro. As manifestações de Lima Barreto e sua literatura que desvelam à sua maneira aquelas características da segregação, sui generis, brasileira, era mais um elemento de denúncia daquela sociedade brasileira, não permitia que o elemento negro se integrasse, em sua totalidade à sociedade.

Outra voz negra dissonante foi o poeta pernambucano, Solano Trindade (Trindade, 1999), que publicou, em 1944, o livro “Poemas de uma vida simples”, pelo qual foi perseguido e preso durante o regime militar brasileiro. Solano Trindade, teve atuação intensa na produção cultural negra brasileira. Colaborou com Abdias do Nascimento e o TEN (Teatro Experimental do Negro), criou ao lado de Margarida Trindade e o intelectual Edson Carneiro, o Teatro Popular Brasileiro, que tinha a classe trabalhadora como seus integrantes. Solano é o criador da poesia assumidamente

negra, segundo Faria (1981), assim como o Hip Hop é uma literatura que denuncia as mazelas do mundo com ele realmente é.

A contribuição de Carolina Maria de Jesus (Jesus, 1960), na literatura, é maiúscula. Carolina tornou-se *best sellers* e seu livro, “Quarto de despejo”, foi traduzido para várias línguas. A autora denuncia a fome, para qual deu uma cor amarela, desvelou as mazelas das desigualdades nos centros urbanos. Carolina Maria de Jesus é a fonte de onde muita gente mata a sede. Essas personagens da história citadas acima, também poderiam ser outras mas, escolhemos estas, por entender que há uma simetria na abordagem daquilo compreendemos como uma conexão, as mazelas sociais, que vão atingir uma parcela específica da população, do qual o Hip Hop, em especial o Rap, vai se mirar também. Pois, apesar de de ser um gênero musical criado por jovens negros americanos, estão conectados po serem negros da diáspora africana.

O samba denunciador e o carnaval também fazem parte do arcabouço cultural negro brasileiro. Com a chegada dos anos 30, em meio à crise provocada pelo “Crash”, da bolsa de Nova York, a economia brasileira sentiu seus efeitos logo de cara, pois teve dificuldades em escoar sua produção de café, que representava àquela altura 70% das exportações brasileiras. Em meio às disputas políticas configuradas como a política do “café com leite”, Getúlio Vargas, que não era nem mineiro nem paulista, assumiu a presidência.

Nesse mesmo período, sob uma perspectiva inicial cultural e científica, o rádio acabou torna-se um instrumento valioso na comunicação de massa, segundo Novaes (2001). Aproveitando essa capacidade capilar do rádio, Vargas, usou a radiodifusão para dar suporte aos interesses ideológicos de seu governo. Para isso foi criado o programa, ‘Programa Nacional’, programa criado por Armando Campos, amigo de Getúlio Vargas, que foi ao ar pela primeira vez em 22 de Julho de 1935, e que, a partir de 1938, tornou-se obrigatório e só divulgava as ações do Executivo. Entre 1938 e 1962, chamava-se “A Hora do Brasil”. Em 1962, entra em vigor o Código Brasileiro de Telecomunicações, em que se estabelece o novo nome, “A Voz do Brasil”. No contemporâneo, são divulgadas as ações dos três poderes. A “Era de ouro do Rádio”, compreende esse período, onde não havia, ainda, um mercado publicitário atuante e o governo, usava os espaços para divulgar seus feitos. Sabendo da aceitação do

samba em várias camadas sociais, os ideólogos da propaganda do governo Vargas, trataram de alçá-lo, à condição de símbolo da identidade nacional. (Novaes, 2001).

As manifestações daquela época eram perseguidas, como vimos anteriormente e ao saber dos seus conhecimentos acerca de curas através das ervas, o presidente da época, Wenceslau Braz, solicitou seus serviços; curado da enfermidade o presidente permitiu que as festas na casa de Tia Ciata, pudesse acontecer sem a intervenção da polícia. Famoso trio da música brasileira, Donga, João da Baiana e Pixinguinha, eram frequentadores assíduos do local. Para Novaes (2001), neste período, o samba malandreado era uma forma de expressão, uma denúncia das condições enfrentadas. Que voltaria com força anos mais tarde com a contribuição dos poetas dos morros na composição da obra de Bezerra da Silva. Alçado à condição de identidade nacional, o samba, com o crescimento da rádio, foi anexado como item na propaganda de legitimação do governo vigente.

De acordo com Vasconcellos & Suzuki (1995), o samba que emerge como identidade nacional, para atender aos interesses estatais, não se calou, mesmo sob a observação dos aparelhos repressivos do Estado, para com aqueles que o produz, os negros, inclusive sob ordenamento jurídico na Leis de Contravenções Penais (Decreto de Lei nº 3.688, de 03 de outubro de 1941), que manteve o elemento “vadio” sob vigilância. Nessa conexão Rio de Janeiro - São Paulo, o cenário para as pessoas negras não mudava muito. No campo cultural o samba mesmo cerceado avançava suas produções e o carnaval.

O carnaval se tornou a representação máxima das manifestações culturais no país. É nesse sentido, posteriormente, de maneira estratégica, que a classe média invade as Escolas de Samba, eliminando qualquer possibilidade de uma articulação política, mais sistematizadas, já que a branquitude ao invadir as Escolas de Samba, não vão para o barracão, e sim, tomam as diretorias dessas Escolas, que foram construídas por pessoas pretas como possibilidades de sociabilidade, mediadas pelos diversos sotaques dos tambores. Para Oliven (1983), esse fenômeno fez com que esses espaços deixassem de ser um local de uma articulação mais sistematizada politicamente. Não que não seja político, porém, incipiente do ponto de vista da potência que seria, caso, esses espaços de decisão dentro das Escolas, fossem ocupados por pessoas negras.



A indústria fonográfica e a radiodifusão, se alinhavam para se estruturarem no país, os meios de comunicação em massa, indispensáveis, segundo a teoria de Antonio Gramsci (2002), para sustentar, via golpes de inculcação, a ideologia do modelo e de governo vigente. O governo Vargas, seguiu esta máxima à risca. Nesse sentido os meios hegemônicos de comunicação desenvolveram dupla função: atendendo a indústria fonográfica e aos interesses das classes dominantes.

### **"Beat Street": um catalisador cultural**

O evento que despertou de vez a atenção da juventude negra e periférica para o Hip Hop, foi a película "Beat Street". Lançada em 08 de junho de 1984, a trama se desenvolve em torno do romance de dois personagens, mas, como pano de fundo as referências são os quatro elementos da cultura Hip Hop, que são o rap (ritmo e poesia), os Dj's e Mc's, a dança e os grafites (assinaturas). (Lo Bianco, 2004)

O filme "Beat Street" influenciou, diretamente, os artistas da primeira geração da cena no Brasil, entre eles, Thaíde, MC Jack, Allan Beat, Sampa Crew, KI Jay, Edi Rock, Mano Brown entre outros. No início dos anos 80, Michael Jackson era a referência máxima, vide os números de vendas dos seus álbuns. Michael havia sido influenciado por James Brown, que por sua vez, influenciou o Hip Hop, sendo o cantor mais sampleado da história da música. Dois artistas planetários que determinaram tendências da indústria Samplear é o ato de retirar parte de uma música e transformá-la noutra.

Um exemplo clássico, é a música da banda nova iorquina, Public Enemy, na música Fight the Power, que retirou partes da música de James Brown, Referência de manifestação, tinha agora, uma referência das ruas, que estimulada pela dinâmica estabelecida, como princípio da cultura Hip Hop, como por exemplo, a competição de habilidade ao invés da violência.

A película "Beat Street", foi catalisador para que a juventude negra dos anos 80, criassem sua própria cultura.

### **Músicas e poesia como formas de grito de resistência**

Uma dinâmica de retroalimentação cultural ocorrera, já que nos bailes era o lugar onde se curtiam as músicas, que na década de 80, era dominada pelo rock. Não





havia representatividade musical nas rádios. As músicas tocadas, retratando os problemas existenciais de uma classe média branca, cantada por Paralamas do Sucesso, Legião Urbana, Biquini Cavado Kid Abelha, Lulu Santos, Barão Vermelho, não dialogavam com a realidade enfrentada pela juventude negra e periférica do Rio de Janeiro, de São Paulo e de outras grandes cidades do Brasil.

De acordo com Vianna (1988), nesse contexto que a cultura Hip Hop, iniciou a amostra do que iria estar por vir, ao despertar o interesse de reportagem acerca daquele tipo de manifestação artística, que era o break, na TV, a performance de Michael Jackson, colabora na divulgação. Muito embora, a performance do Rei do Pop seja uma mistura de vários elementos da dança, o "MoonWalk", ajudou na popularização da dança break. Inicia-se um movimento de transição. Aquela juventude negra e periférica, que a partir das rodas de break, desenvolveram a habilidade de rimar em português, batendo nas latas de lixo da estação de metrô São Bento, agora conseguiu pequenos espaços para mostrar seus potenciais nas festas blacks das grandes equipes de baile.

Através dos concursos de rap, que a equipe Kaskatas, lança o disco "Ousadia Rap", que trazia registro dos primeiros rappers brasileiro, mas, o lançamento, da gravadora Eldorado, em 02 de dezembro de 1988, da Coletânea "Hip Hop, Cultura de Rua", e o lançamento, uma semana depois do disco, "O som das ruas", da Equipe Chic Show, acabam se tornando a ponta de lança do Hip Hop, no Brasil.

Vilela (1997) apresenta em "a Poesia do Gueto: Rappers e Movimento Hip-Hop no Rio de Janeiro" músicas e poesia como formas de grito de resistência que, como espécie de gatilhos, disparam uma busca por auto afirmação que não se via como passou a ocorrer, iniciou com a dança, a estética e foi com a música, que foi sedimentado, através de uma conexão direta, numa linguagem em consonância com a realidade, que a juventude negra, fez do Hip Hop, sua expressão. É possível perceber ao longo das poesias que existe uma necessidade de euro afirmação, uma capacidade de síntese absurda da realidade para ser modulada em forma de música voltada para um público específico.

### **Música, poesia e letramento em Os Racionais MCs**

A obra dos Racionais é uma ferramenta pedagógica essencial para quem pensa em uma descolonização de saberes do status quo. os versos, as histórias

contadas nas músicas do grupo nos fornecem elementos para que entendamos as nuances que foram necessárias na construção da sociedade brasileira.

Os Racionais MCs, com suas histórias se valendo de um lirismo admirável dos seus mestres de cerimônias, ressaltou a potência das periferias e de seus habitantes, que de certa forma, hoje se orgulham de ser periféricos. Periféricos que acessaram as Universidades Públicas e não negam sua condição, resignificando a produção acadêmica do país. Racionais MCs, auxilia na produção de planos de aula, tornando palatável muito assuntos que jovens no ensino médio. Discutir racismo, homofobia, machismo, sexismo, misoginia é possível a partir da produção musical dos Racionais. É óbvio, que para isso há uma necessidade de uma pesquisa aprofundada acerca dos assuntos trazidos nas suas poesias.

O Jornal da Unicamp publicou em 07 de dezembro de 2022 a reportagem intitulada “Racionais MC’s, professores de gerações” descrevendo como o grupo de rap foi reverenciado na Unicamp como parâmetro para a reflexão sobre o racismo e a desigualdade no país.

Uma sociedade desigual. para além de trazer uma crítica, longe de ser uma crítica estéril, são críticas com proposições, vide o discurso cirúrgico, de Mano Brown, no comício da Lapa, no Rio de Janeiro, antes das eleições de 2018, o famoso “tem que voltar para base”.

Cabe aqui uma breve análise das obras do grupo a partir da contribuição de Souza (2005). Ao lançar, o disco "Escolha seu Caminho ", com duas músicas, os Racionais lançam um desafio à juventude negra e se colocam como arautos dos anseios da mesma. As músicas são "Voz ativa" e a provocativa " Negro limitado". A juventude periférica só falava de Racionais, mas escolas de periferia desde, 1991, a relação dos Racionais com a educação, remonta desse mesmo período, quando fizeram parte do projeto da Secretaria de Educação de São Paulo, chamado "Rap...sando a educação", cujo secretário de educação era simplesmente, Paulo Freire, que percebeu a potência revolucionária que era as músicas dos Racionais, . afinal, conforme colabora Medeiros (2023a, p. 123-136), as transformações sociais dão-se a partir da carga das experiências concretas.

Na obra “Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa”, Freire (1996) apresenta argumentos e uma discussão em defesa da educação

emancipatória. Outrossim, analisa-se, diante das letras do grupo, a significação educativa emancipatória por meio do Rap.

Tamanha a repercussão na área educacional que pesquisas são desenvolvidas em universidades brasileiras acerca da função pedagógica do rap pelos Racionais MC's. Faria (2017) defende um diálogo sobre educação na cidade de São Paulo dos anos 90 a partir da análise entre Os Racionais Mc's e Paulo Freire.

A repercussão do disco "Consciente Black!", possibilitou a gravação do álbum solo dos Racionais MCs, logo de cara um título provocador, "Holocausto Urbano ", é lançado em 1990, e teve adesão instantânea da juventude negra e periférica. O lançamento do disco dos Racionais, inaugura, um novo momento da música negra brasileira, com a juventude negra vendo-se representada no mercado fonográfico, aumentou a produção de rap nas gravadoras independentes, oriundas das equipes de baile. Mudando completamente, o mercado fonográfico, colocando artista negros que falava de sua realidade sem precisar de uma maquiagem. Essas mesmas gravadoras ao longo da década de 90, foram as responsáveis por tornar, comercial o samba contemporâneo, na maneira que é feito nos dias de hoje.

O disco "Holocausto Urbano ", traz em cada música temas que podem ser abordados pela educação para discutirmos o Brasil, esse é o grande impacto da obra dos Racionais MCs, onde podemos discutir temas educacionais das mais variadas áreas. Os assuntos vão desde a luta por auto afirmação rumo à uma Consciência Negra Brasileira genuína, passando por lutas de enfrentamentos antirracistas, discussão sobre economia, empoderamento negro, sendo referência para uma conduta assertiva e fornecendo elementos necessários para compreendermos o Brasil no contemporâneo. O disco quando saiu, viralizou, para usar um termo jovem do contemporâneo, e nas escolas de periferia os Racionais eram uma unanimidade.

É possível identificar na obra de Gomes (2012), quem já trata das relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos a sinergia com a proposta de descolonização dos currículos proposta pelos Racionais MCs, talvez sem intenção, mas que já traziam naquela época essa possibilidade, pois ali era nosso primeiro encontro com autores e revolucionários da causa negra, como, Steve Biko, da figura de Malcolm "X".



A letra da música “Voz ativa” é reflexo das formações políticas dos membros dos Racionais, junto ao Movimento Negro, mas, precisamente, o Geledés, Instituto da Mulher Negra, fundado pela grande intelectual/filósofa/escritora/ativista Sueli Carneiro.

Na provocativa, "Negro limitado", a poesia, faz uma proposta para uma auto crítica, onde provocam as pessoas negras, sobretudo a juventude negra e periférica a optar por dois caminhos, é óbvio que temos que considerar a licença poética, já que as escolhas precisam considerar uma quantidade de variáveis. A música "Negro Limitado" mostra um diálogo entre dois amigos, onde há uma tentativa de sensibilização para um despertar de uma Consciência Negra, nos moldes daquela idealizada por Steve Biko, nos seus escritos.

No disco “Escolha seu caminho”, o grupo traz uma capa cheia de simbolismo. De um lado, mostram os integrantes, com armas, drogas, dinheiro, lançando para seu público, a juventude da periferia uma das possibilidades era percorre aquele universo, cujo final seria a morte violenta, algo que os moradores das periferias, sobretudo, em São Paulo, sabiam bem.

Outro elemento que demonstra toda capacidade intelectivas dos integrantes do Racionais MCs, é um aviso contido na capa do disco, onde está escrito "Diga não à violência e às drogas", algo que não consta em outras capas de discos de música brasileira. Todos os símbolos, apresentam a intenção de despertar na juventude negra periférica um mínimo de senso crítico acerca de sua condição de sujeito. A mensagem do grupo enfatiza que a busca por uma melhor formação, através dos estudos, pudesse tornar se uma das saídas possíveis para a superação das suas realidades. É nesse disco que surge, também, outra característica do grupo, a extensão de suas letras.

Ao longo da década de 90, Racionais determinadas tendências do Rap nacional, como por exemplo aversão às entrevistas aos meios de comunicação da mídia hegemônica, como por exemplo a rede Globo, em um tempo que o sonho de todo artista, era aparecer na Vênus Platinada. Grupos como Câmbio Negro, Sistema Negro, Facção Cantral, Consciencia Humana, RZO, MV Bill, entre outros, sofreram influência direta dos Racionais. Sem Racionais não existiria Emicida, Criolo, Djonga, Dexter.



Em 1993, o grupo os Racionais rompem as barreiras culturais com sua música. Se antes o rap, era uma manifestação de jovens negros sem nenhuma relevância, a música "Fim de semana no Parque", quebra todos paradigmas e através das ondas do FM, invade, literalmente, o mundo da música brasileira. Torna-se a música mais tocada nas principais FMs de São Paulo, inclusive, as rádios voltadas para o público, lidos como os "palyboys", a classe média paulistana. Rádios, como Transamérica, Jovem Pan e Rádio Cidade, umas das três mais populares, colocaram a música dos Racionais no topo das paradas de sucesso, entre 1993 e 1994.

Em 1995, foi organizado um show de rap para comemorar os 300 anos de Zumbi, no Vale do Anhangabaú, no centro de São Paulo. O público era de aproximadamente 25/30 mil pessoas. Jovens de todas as partes da cidade de São Paulo, nesse show, dois grupos que teciam críticas à polícia, em suas músicas, foram presos, Racionais MCs e o grupo MRN.

O álbum, "Sobrevivendo no Inferno", consolidou de vez, os Racionais, no cenário musical em todo Brasil, sendo reconhecido por grandes nomes da Música Brasileira. A música "Diário de um Detento", que trazia uma narrativa que precedeu o massacre do Carandiru, onde a polícia assassinou 111 presos, ganhou videoclipe e foi visto por todo Brasil, via MTV. A música "Capítulo 4, versículo 3", torna-se hino, nas quebradas e favelas do Brasil. Cantada a pleno pulmões. As músicas extensas dos Racionais, divagam sobre as realidades das pessoas pretas e pobres da periferia, mas, não é só isso. São letras diretas e líricas. Tratam de questões existenciais referentes a pessoas negras, em toda sua fase da vida, nascimento à cova.

Músicas como, "Fórmula mágica da paz", "Capítulo 4, versículo 3", "Estou ouvindo alguém me chamar" e "Diário de um detento", lançaram o grupo no *mainstream*, que não conseguiu conter a força desse grupo, à contragosto, já que a mídia hegemônica, classificava o rap como música de ladrão. Considerada como música violenta, houve várias tentativas de conter os avanços do rap e da cultura Hip Hop.

Conforme destacou o "Clube do Português – Língua Portuguesa, Literatura e Alfabetização" (2021), a Unicamp, adotou o livro "Sobrevivendo no inferno", em seu vestibular, também, criou o "I Observatório Brasileiro de Hip Hop, seguindo o que já fizeram as Universidades de Harvard, Universidade de Ohio, Universidade de Cornell,

Universidade de Atlanta, Universidade de Cork, La Place “ Centre Culture hip Hop” de Paris. O acervo da Unicamp, foi doado pelo histórico King Nino Brown. Um dos pioneiros do Hip Hop.

### **Ensino e formação docente – apoio ao professor iniciante**

Os processos de formação da sociedade a partir da educação humana (escolar ou não escolar) são premissas que, principalmente na sociedade atual, requerem do docente em formação (seja inicial ou continuada), um posicionamento crítico a fim de que seja possível condizer à práxis pedagógica em prol de uma educação antirracista. Para tanto faz-se oportuno compreender o Movimento Negro em sua essência e enquanto sistema de organização e propagação de (re)conhecimento dos povos negros e, portanto, a luta em defesa do antirracismo. Além da reflexão, busca-se que no processo de formação docente a educação mantenha-se direcionada ao cumprimento da sua função de prática social. Neste sentido, torna-se fundamental compreender como se relacionam teorias e práticas que se concretizam prática educativa para vida (Medeiros, 2019).

A realidade da sociedade brasileira apresenta a necessária Educação Antirracista não só como um elemento constituinte das políticas públicas educacionais e que, portanto, faz parte dos currículos. Trata-se de pensar na educação antirracista como luta, resistência, enfrentamento as barbáries ainda presentes na contemporaneidade. Este enfrentamento inicia-se pela valorização das relações étnico-raciais, por meio da qual espera-se que haja uma efetiva transformação social a partir do ato educativo. Neste sentido é que se busca pela formação docente inicial e continuada. Obviamente que a questão da valorização docente é tema latente e carece de atenção especial, principalmente diante das políticas atuais conforme descreve Medeiros (2021) que esvaziando o fazer docente da sua missão pedagógica à construção do pensamento crítico e formação integral.

No entanto, ao assumir a perspectiva da emancipatória do conhecimento e, portanto, do letramento para a vida (Souza, 2009), chama-se a atenção a importância de considerar a linguagem, culturas e identidades no processo de formação docente que refletirá nos alunos seja dentro ou fora das escolas (Justo, 2015).



Diante do intencional interesse por uma formação docente de qualidade que intervenha na educação escolar dos discentes, tanto educadores em processo inicial, quanto os que já estejam engajados no caminho, necessitam envolver-se com o desafio da educação antirracista. Portanto, o compartilhamento dos objetivos e das ferramentas de apoio é essencial. Neste sentido, um passo inicial sugerido é o de buscar conhecer o universo de saberes acerca da cultura preta dos docentes, bem como suas dúvidas e interesses pelo assunto.

Desta forma é possível viabilizar um roteiro que busque atender a demanda de formação a partir dos elementos culturais apresentados neste trabalho, considerando também as necessidades específicas e reais de onde está localizada a escola.

Diante dos resultados obtidos com as estratégias utilizadas com graduandos de Pedagogia do Instituto de Educação de Angra dos Reis da Universidade Federal Fluminense – IEAR/UFF, em especial os atuantes nos estágios supervisionados com alunos do Ensino Fundamental e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e, a partir de diálogos ocorridos no ciclo de relacionamentos entre pares que atuam em outras escolas públicas do Rio de Janeiro, foram possíveis analisar atividades que se destacaram e que oportunizam, sobretudo, como apoio ao docente iniciante.

Entre as atividades destacadas encontram-se os momentos de leitura. Embora seja uma prática essencial ao docente em formação (inicial e continuada), é oportuna a seleção de livros direcionados aos públicos adulto e/ou para a infância, cujo o tema chamou a atenção dos docentes participantes. Estas trocas das experiências das leituras diversas contribuem à ampliação do conhecimento teórico e prático, uma vez que as exposições das leituras realizadas apresentam oportunidade para compartilhar sensações e vivências particulares. Além do mais, a prática da leitura pelo docente é visível pelos alunos que, a partir do exemplo, poderão ser inspirados a perpetuar tais momentos. Em seguida, a prática de registrar as leituras apreendidas – seja sob forma de resumo, resenha ou fichamento, e descrever a abordagem dos encontros de apresentação literária, reforçam os conhecimentos teóricos e práticos apreendidos.

Os encontros devem ser atrativos e, desta forma, a incorporação de jogos e brincadeiras trazem um diferencial. Principalmente se estes forem inspirados em raízes africanas. Por exemplo: amarelinha, barquinho de papel, cabo de guerra, cabra-

cega, entre outras. Uma literatura indicada que contempla alguns destes jogos e brincadeiras é o Catálogo de jogos e brincadeiras africanas e afro-brasileiras<sup>1</sup>, organizado por Helen Pinto, Luciana Soares da Silva e Míghian Danae, publicado pela Editora Aziza (São Paulo, 2022).

O incentivo a pesquisa deve fomentar os encontros que podem ser agendados, inicialmente, quinzenalmente ou conforme a necessidade e os objetivos da escola. A pesquisa pode ser direcionada para vários temas distribuídos por duplas ou trios de estudo que busquem materiais como apoio à educação antirracista: leituras para a infância, músicas, jogos e brincadeiras, produções artísticas, entre outros. Naturalmente que a pesquisa deve ser materializada na prática docente para que tenha sentido o processo de formação do professor. Desta forma, além de dialogar com o fazer docente, será objeto de autoavaliação dos encontros com/entre os docentes com vistas ao aprimoramento, reprodução de materiais e reflexo na sala de aula de forma com que propicie o cumprimento da função de apoio e aperfeiçoamento à prática dos professores.

### **Considerações finais:**

O Hip Hop e seus quatro elementos estão presentes no cotidiano das sociedades, a ponto do break, tornar se uma modalidade olímpica. O Hip Hop pode ser um facilitador para a compreensão de universos da periferia da questão negra e da diversidade, possibilitando uma via de diálogo entre os espaços educacionais confluindo para uma atuação direta nesses territórios ou na formulação de propostas educacionais que visam a melhora da vida das pessoas que vivem na periferia, por exemplo.

Buscou-se compreender a potência do Hip Hop e, entender a poesia do Racionais MCs, para uma abordagem pedagógica é fundamental e necessário, no sentido de colaborar com a educação brasileira. É como entender uma poesia de

---

<sup>1</sup> Catálogo disponível na versão digital em [media.ceert.org.br/portal-4/pdf/pdf\\_publicacoes/2022111617345463751f3e26434-catalogo-jogos.pdf](http://media.ceert.org.br/portal-4/pdf/pdf_publicacoes/2022111617345463751f3e26434-catalogo-jogos.pdf) último acesso em fevereiro de 2024.





resistência por meio de um letramento em que as construções textuais direcionam às questões políticas que alimentam as lutas antirracistas brasileiras.

Neste cenário em que se destacou o grupo dos Racionais MCs com sua inovação na maneira de comunicação com a juventude negra, rumando ao alvorecer de uma criticidade de pensamento a partir do letramento da vida em suas canções. O grupo soma um trabalho de três décadas e sua contribuição à sociedade brasileira para um pensamento crítico e emancipatório.

A pesquisa buscou apresentar fatos e uma reflexão aos leitores em geral e, em especial, aos docentes em formação (inicial e continuada) em razão do necessário reconhecimento ao pensamento crítico que identifica e conecta esses sujeitos negligenciados ao seu tempo, estimulando a reivindicação aos direitos e melhorias nas condições de existências para uma população, que ao longo do tempo sofreu todo tipo de má sorte. Neste sentido foram apresentados elementos para despertar o letramento de resistência a partir de letras musicais que propiciam o pensamento emancipatório.

### Referências

ANJOS, S. G. **Hip hop e as práticas educativas**: um estudo a partir das experiências do coletivo Família Hip Hop. Santa Maria-DF. 2019 136f. Dissertação (Mestrado) - Pós-Graduação em Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

CLUBE DO PORTUGUÊS – **Língua Portuguesa, Literatura e Alfabetização. Sobrevivendo no Inferno** – análise para o vestibular da Unicamp (2021). Disponível em <https://www.clubedoportugues.com.br/sobrevivendo-no-inferno/> Acesso em janeiro de 2024.

CUSTÓDIO, Lourival Aguiar Teixeira. **Um estudo de classe e identidade no Brasil: Movimento Negro Unificado (MNU) - 1978 - 1990**. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. doi:10.11606/D.100.2018.tde-22052018-122717. Acesso em: 2024-01-25.

CUTI, Luis Silva. **A consciência do impacto nas obras de Cruz e Souza e Lima Barreto**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DOMINGUES, Petrônio. **“Em Defesa da Humanidade”**: A Associação Cultural do Negro. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 61, no 1, p. 171-211, 2018



DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro**: alguns apontamentos históricos. Tempo, v. 12, p. 100-122, 2007.

ENNES. Ernesto. **As guerras nos Palmares**. São Paulo: Nacional, 1938;

ESSINGER, Silvio. **Batidão**: uma história do funk. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FARIA, Álvaro Alves de. Poesia simples como a vida. In TRINDADE, Solano. **Cantares ao meu povo**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

FARIA, Priscila Prado Faria. **Racionais Mc's e Paulo Freire**: um diálogo sobre educação na São Paulo dos anos 90. Dissertação (Mestrado em História). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017.

FERNANDES, Ana Claudia Florindo. **O rap e o letramento**: A construção da identidade e a constituição das subjetividades dos jovens na periferia de São Paulo. 2014. 273 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1996

GIACOMINI, Sonia Maria. **A alma da festa**: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro - o Renascença Clube. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2006.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Carcere**. Volume 5. Edição de Carlos Nelson Coutinho, com a colaboração de Luiz Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador**. Saberes construídos na luta por emancipação. Petrópolis, RJ: vozes, 2017.

HERSCHMANN, M. **O funk e o Hip Hop invadem a cena**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

GOMES, Nilma Lino. **Relações étnico-raciais**, educação e descolonização dos currículos. Currículo sem fronteiras, v. 12, n. 1, p. 98-109, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

JORNAL UNICAMP. **Racionais MC's, professores de gerações**: grupo de rap foi reverenciado na Unicamp como parâmetro para a reflexão sobre o racismo e a desigualdade no país. (2002). Disponível em <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/noticias/2022/12/07/racionais-mcs-professores-de-geracoes> Acesso em janeiro de 2024.



JUSTO, F. C. **Letramentos em espaços não escolares**: o movimento hip-hop em Ouro Preto. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2015.

LO BIANCO, R. **Identidade e relações raciais na Cultura Hip Hop**: Uma abordagem antropológica. Requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Sociais/UFF. Niterói, 2004.

MEDEIROS, Janiara de Lima. Transformações sociais e a carga das experiências concretas. In: KOCHHANN, A.; SOUZA, J. O.. (Org.). **Reflexões teóricas: o Ensino e a Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023a, p. 123-136.

MEDEIROS, Janiara de Lima. O desafio da educação brasileira: por uma escola pública, democrática, inclusiva e acessível a todos. In: KOCHHANN, A.; SOUZA, J. O.. (Org.). **Reflexões teóricas sobre o Ensino e a Educação**. Campina Grande: Licuri, 2023b, p. 15-32.

MEDEIROS, Janiara de Lima. **A reforma do Ensino Médio**: Estudo crítico da lei nº 13.415/2017. Rio de Janeiro, RJ: e-Publicar, 2021.

MEDEIROS, Janiara de Lima. **Formação para o Trabalho x Formação para a Vida**: Do princípio educativo do trabalho à educação emancipatória. Alemanha: NEA - Novas Edições Acadêmicas, 2019.

MOTTA, Nelson. **Noites tropicais**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

NOVAES, José. **Um episódio de produção de subjetividade no Brasil de 1930**: malandragem e estado novo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 6, n. 1, p. 39-44, jan./jun. 2001

OLIVEN, R. G.. *Violência e Cultura no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1983. Vasconcellos, G., & Suzuki Jr., M.. *A malandragem e a formação da música popular brasileira*. Em B. Fausto (dir.). **História Geral da Civilização Brasileira**. (pp. 501- 523). Rio de Janeiro/São Paulo: Bertrand-Brasil. 1995.

ROSE, Trícia. **Barulho de preto**: rap e cultura negra nos Estados Unidos contemporâneos. Tradução: Daniela Vieira; Jaqueline Lima Santos. São Paulo: Perspectiva, 2021. 336 p. (Hiphop em perspectiva; 1)

SANTOS, Jaqueline Lima. **Negro, Jovem e Hip Hopper**: História, Narrativa e Identidade em Sorocaba. 2011. 182 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Filosofia e Ciências – Campus de Marília, [S. l.], 2011.

SANTOS, Jair Cardoso. **Entre as Leis e as Letras**: escrituras identitárias negras de Luiz Gama. Dissertação (Mestrado em Letras). Departamento de Educação, UNEB, Alagoinhas/BA, 2016.



SOUZA, A. L. **Letramentos de reexistência**: culturas e identidades no movimento hip hop. Tese (Doutorado) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SOUZA, Ana Raquel Motta de. "**A favela influência**": Uma análise das práticas discursivas dos Racionais Mcs. 2004. 315 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

THAYER, Allen. Black Rio - Brazilian Soul and DJ Culture's Lost Chapter. Illustration by Alberto Forero. **Revista Waxpoetics**. New York, n. 16, abr./maio 2006. p. 88-106.

TRINDADE, Raquel. Dados biográficos. In: TRINDADE, Solano. **O poeta do povo**. São Paulo: Cantos e Prantos Editora, 1999.

VIANNA, H. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1998.

VILELA, T. A. G. **O Grito e a Poesia do Gueto**: Rappers e Movimento Hip-Hop no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IFCS UFRJ, 1997. (Dissertação de Mestrado).

Recebido: 20/03/2024

Aprovado: 25/06/2024

Publicado: 01/09/2024

